

Aqui há dragões: o *serial killer* e a banalidade do monstro¹

Bernardo Demaria Ignácio BRUM ²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Os assassinatos de Whitechapel entre 1888 e 1891, cometidos por Jack, O Estripador, deram origem à figura do assassino em série, popularizada nos séculos XX e XXI por meio de obras de ficção baseadas em casos reais. Este estudo examina o *serial killer* como um novo monstro popular, tendo como metodologia a análise narrativa de filmes e séries, fundamentada na criação do personagem midiático por Warwick (2006) e no conceito de devir-monstro de Gil (2000) e Tucherman (2012). Reflete-se aqui sobre os estereótipos criados pela ficção e a eventual aproximação do gênero do real, onde o assassino mata como afirmação de um poder normativo.

PALAVRAS-CHAVE

cinema; séries de televisão; assassinos em série; monstros; representação

Introdução

Este artigo explora a figura do serial killer na cultura contemporânea, abordando a forma como esses indivíduos são retratados na mídia e percebidos pela sociedade. Propomos entender aqui a construção da imagem do serial killer como um "monstro banal", analisando diversos exemplos de casos reais e sua representação em filmes, séries e documentários. Isto é, se o monstro é geralmente percebido como um "intervalo" aberrante entre o humano e não humano de acordo com Gil (2000), o assassino em série surge no imaginário como um monstro "convencional", plenamente capaz de passar-se por humano.

Pode-se datar, de acordo com Warwick (2006), a "invenção" da figura do serial killer a partir dos assassinatos de Jack, O Estripador, no final do século XIX no Reino Unido. Foi quando o assassino em série passou a ser percebido como uma figura

1 Trabalho apresentado no GP Cinema, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ, e-mail: bernardodibrum@gmail.com

patologizada, e não mais como uma criatura sobrenatural, como os assassinos que alegavam possessão ou licantropia.

Na ficção, o assassino em série rapidamente ganhou tração ao longo do século XX, sendo alvo de representação em numerosos romances, filmes, séries de televisão, histórias em quadrinhos e, mais recentemente, podcasts. Há tanto os mais fantasiosos, como o gênero *slasher* visto em filmes como *Aniversário Macabro* (1972), *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), *Quadrilha de Sádicos* (1977), *Halloween* (1978) e *Sexta-Feira 13* (1980) quanto obras que se inspiram ou mesmo adaptam diretamente criminosos da vida real, como *O Inquilino Sinistro* (1927), *M*, *O Vampiro de Dusseldorf* (1931), *Psicose* (1960), *A Tortura do Silêncio* (1960) e *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

Nos últimos anos, vê-se o êxito de crítica e muitas vezes também de público de obras que adaptam nominalmente os enfocados, tais como *Zodíaco* (2007), *Mindhunter* (2017-2019) e *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022). Com um século de obras sobre assassinato em série, pode-se identificar que esse tipo de figura arquetípica criou seus próprios clichês e mitos.

Metodologia

A metodologia do estudo envolve uma análise qualitativa de conteúdo, focando em materiais midiáticos que retratam serial killers, selecionando para isso quatro obras: *Psicose* (1960) e *O Silêncio dos Inocentes* (1991), como obras que materializaram a mitologia do assassino em série, e *Zodíaco* (2007) e *Mindhunter* (2017-2019), como obras que atualizaram a figura do criminoso com uma nova carga de realismo.

Através dessa amostra, que será contextualizada, com outras obras realizadas durante seus períodos de feitura, os autores trazidos pela fundamentação teórica serão utilizados como ferramenta analítica para mostrar como os clichês do gênero foram formados, tais como o assassino, a vítima e o investigador, como o mesmo amadureceu em sua abordagem temática e o próximo passo representando pelas novas produções.

Por último, em uma leitura crítica, iremos apresentar dados do assassinato em série no mundo real para comparar com os clichês convencionados pelo gênero para poder-se discutir a interpretação de como essa categoria criminal exerce através de suas vítimas uma maneira de afirmar o seu poder, para que assim possa-se discutir a ética implicada em seu uso pela mídia, especificamente, os trabalhos ficcionais audiovisuais,

onde alcançaram grande expressão.

Fundamentação Teórica

Esse trabalho baseia sua análise em três frentes: primeir, a conceitualização do que significa um “monstro” para nós, de acordo com José Gil (2000) e Ieda Tucherman (2012), entendido como um devir que marca um caminho aberrante entre o humano e o não-humano, bem como sua trajetória através da história humana, desde as raças fantásticas da mitologia e chegando aos monstros individuais da ficção gótica e os *freaks* de circo, no mundo real. Com isso, através dos estudos de Philip L. Simpson (2000) e Alexandra Warwick (2006) veremos como o assassino em série é desenhado como uma figura que aterroriza o imaginário popular, como um ser humano capaz dos atos até então atribuídos a monstros, bem como a construção do arquétipo do detetive racional que se dispõe a caçar o indivíduo desviante.

Por último, discute-se a matriz discursiva pela qual formam-se de fatos os serial killers, através do conceito de Banalidade do Mal de Hannah Arendt (1999), onde o assassino em série, que acaba por revelar-se em muitos casos no padrão normativo de homem branco, heterossexual e cisgênero, realiza seus atos sem culpa na consciência selecionando grupos de vítimas que considera não-humanos; um atravessamento que trazemos é da vítima como o *homo sacer*, de Giorgio Agamben (2010): uma vida que não configuraria crime ou pecado tirar, pois é considerada impura.

Principais Resultados

A bibliografia levantada nessa pesquisa ajudou a ver como a figura do devir-monstro torna-se cada vez mais “banal”, com os monstros cada vez mais humanos, possibilitando assim o surgimento de uma figura como o assassino em série ocupando um espaço na cultura popular capaz de aterrorizar a sociedade, substituindo os vampiros e lobisomens.

Da mesma forma, através da análise das obras, também foi possível ver como figuras típicas da Inglaterra, como Jack, O Estripador e Sherlock Holmes, foram reconfiguradas através da dinâmica assassino e investigador na ficção estadunidense

publicada sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que o assassino em série assumiu a condição de monstro patologizado, o investigador de crimes violentos assumiu a imagem de uma figura racional, capaz de, através da ciência, entregar a justiça reativa a esse novo tipo de crime.

Por último, ao analisar as obras à luz da fundamentação teórica, pôde-se confrontar dados com a maneira como as obras representam o tema e analisar os principais problemas éticos ao abordar o tema, como a possibilidade de reforçar preconceitos, como quando a série *Dahmer: O Canibal Americano* (2022) fez marketing da série como sendo uma produção LGBTQIAPN+, quando, na verdade, indivíduos desse estrato estão entre as principais vítimas desse tipo de crime.

Conclusão

Examinamos aqui a transformação como os assassinos em série surgem como monstros midiáticos na era moderna, moldados pelo desenvolvimento da ciência e psicologia forenses. Investigamos como filmes e séries refletem crenças populares e influenciam a compreensão desses crimes, capturando o *zeitgeist* cultural de cada época. Partiu-se do conceito de monstro para contextualizar como essa figura se aplicou sobre a maneira que entendemos o indivíduo que age como um predador de outros seres humanos.

Vimos como a fase posterior das obras sobre *serial killers* se distanciou das narrativas fantásticas e adotou uma abordagem mais realista, adaptando diretamente fatos reais. Vimos, assim, como os assassinos exercem poder sobre suas vítimas, refletindo nossas disparidades sociais, com a figura do investigador buscando restaurar a racionalidade. Por último, entendemos como a categorização legal do assassino em série como monstro, imbuída de teratologia (análise do anômalo), reflete um microcosmo de crime e mídia, demonstrando como a lógica normativa perpetua seu poder: como entendemos onde estão os monstros de hoje pode nos levar a refletir sobre o posicionamento da lógica social contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e Vida Nua I. 2.** ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 197 p.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999. 344 p.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.
- CREED, Barbara. **The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis.** Abingdon: Routledge, 2015. 192 p.
- DOUGLAS, J. E.; OLSHAKER, M. **Mindhunter: O primeiro caçador de serial killers americano.** Rio de Janeiro: Intrínseca. 2017. 392 p.
- GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: O devir-monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 165-184.
- GURAN, Paula. **BEHIND THE BATES MOTEL: Robert Bloch.** In: Dark Echo. [S. l.], 1999. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20110814074208/http://darkecho.com/darkecho/horroronline/bloch.html>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- MATOS, Daniel Ivori de. **Serial Killers e imaginários sociais: uma crescente filmografia.** Revista De História Da UEG, v. 2, n. 1, p. 59-82, 2013.
- RIZZO, Michael. **The Art Direction Handbook for Film.** EUA: Focal Press, 2014. 513 p.
- RODEWALD, Theresa. **Subverting the Investigator as Hero: Masculinity and Failure in David Fincher's Zodiac.** In: SORRENTO, Matthew (ed.). **David Fincher's Zodiac: Cinema of Investigation and (Mis)Interpretation.** EUA: Fairleigh Dickinson University Press, 2022. p. 85-100.
- SCHLESINGER, Louis B. **Compulsive-Repetitive Offenders: Behavioral Patterns, Motivational Dynamics.** In: KOCSIS, Richard N. (ed.). **Serial Murder and The Psychology of Violent Crimes.** Sydney: Humana Press, 2008. cap. 2, p. 15-34.
- SIMPSON, Philip L. **Psycho Paths: Tracking the Serial Killer Through Contemporary American Film and Fiction.** Illinois: Southern Illinois University Press, 2000. 264 p.
- TUCHERMAN, Ieda. **Breve História do Corpo e de Seus Monstros.** Pontinha: Vega, 2012. 204 p.
- TYRELL, Kimberley. **The Serial Killer in Cinema.** Alternative Law Journal, Monash, v. 26, ed. 6, p. 274-277, 2001.



WARWICK, Alexandra. **The Scene of the Crime**: Inventing the Serial Killer. Social & Legal